

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

SÔNIA REGINA DE SOUZA

**O HOMEM CONTEMPORÂNEO E AS IDENTIDADES NA PERSPECTIVA DE JOSÉ
SARAMAGO**

PONTES E LACERDA-MT

2011/2

SÔNIA REGINA DE SOUZA

**O HOMEM CONTEMPORÂNEO E AS IDENTIDADES NA PERSPECTIVA DE JOSÉ
SARAMAGO**

Monografia apresentada à banca avaliadora dos trabalhos de conclusão de curso da UNEMAT Campus universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras. Orientadora: Prof^a Dr^a Madalena Aparecida Machado

PONTES E LACERDA-MT

2011/2

SÔNIA REGINA DE SOUZA

**O HOMEM CONTEMPORÂNEO E AS IDENTIDADES NA PERSPECTIVA DE JOSÉ
SARAMAGO**

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Madalena Machado

Prof. Dr. Helvio Gomes Moraes Junior

Prof^a Ms Gislei Martins de Souza

Homenagem

*Dedico esta pesquisa a meus pais:
Maria Lucia & José
a meu irmão: Sérgio e a meu filho Vitor Gabriel pela compreensão*

Agradecimento

Agradeço a Deus, por ter me guiado,
por caminhos seguros em mais esta
Caminhada.
Agradeço à Prof^a Dr^a Madalena Machado
Por me orientar e pela paciência e disposição.
Agradeço a minha família pelo apoio e compreensão

SUMÁRIO

RESUMO	07
1. Introdução	08
2. Capítulo 01.....	10
3. O homem em busca da ilha desconhecida	10
4. capítulo 02.....	17
A Viagem dos personagens	17
2.1 Poder e dominação.....	24
5. Capítulo 03.....	32
Saramago e a literatura contemporânea.....	32
3.1 A linguagem e a escrita de Saramago	35
5. Conclusão.....	40
6. Referências bibliográficas.....	41

RESUMO

Nesse trabalho, monográfico elaboramos a hipótese sobre a relação da narrativa curta **O Conto da ilha desconhecida (1998)** e o romance **Jangada de Pedra (1980)**, como a demonstração do homem na literatura contemporânea na perspectiva de Saramago. Em cada obra selecionamos especificamente um personagem: no **Conto da ilha desconhecida**, o personagem inominado e no romance **Jangada de Pedra**, Joaquim Sassa.

Esse estudo destaca não apenas as semelhanças e diferenças que estão presentes em ambas as obras. Também a questão humana na atualidade em que o homem passou a ser autor de sua estória na sociedade, sem se pautar nas raízes que antecederam se constitui da incredulidade dos valores e princípios que de certa forma policiavam o homem. Além disso, essa pesquisa revela que o personagem nas duas obras mencionadas de José Saramago converte o olhar para si ao por em evidência as inquietações, as diversas dúvidas, incertezas, medos típicos do ser humano, entre elas estão as questões: Como eu me represento ou me projeto para o outro? E como o outro me olha? Trata-se ainda sobre outra questão de fundamental importância que se refere ao descontentamento do homem que o leva à busca interminável. Nesse estudo também refletimos acerca do homem e as identidades. Essas duas narrativas problematizam a existência humana como uma possível resposta a questão tão atual quanto antiga sobre: quem sou? Desde a Antiguidade inquieta o pensamento humano, ou seja, leva o homem a se questionar.

Essa pesquisa compreende as questões humanas como uma possível resposta para aquela pergunta crucial. Destacamos que em ambas as obras, os personagens que especificamos como objeto de nossa pesquisa, são motivados por uma busca incansável de conhecimento do mundo e de si mesmos.

Palavras-chave: Literatura, identidade, homem contemporâneo.

1. INTRODUÇÃO

Nesse estudo procuramos entender como a produção literária de José Saramago apresenta as questões existenciais na atualidade. Assim selecionamos duas obras desse autor sendo uma **O Conto da ilha desconhecida** que narra o percurso de um homem que queria um barco para ir à procura da ilha desconhecida. É um sujeito desconhecido que não possui uma identidade que o designasse, os demais personagens secundários são reconhecidos apenas pelas funções que desempenham no palácio do rei. Nessa narrativa recortamos especificamente o personagem sem nome para estudarmos a representação do homem na literatura de nossa época. A trajetória deste consiste na continuidade dos fatos e o que chama a atenção é a estranheza em que seu objetivo se fundamenta, ele é o único da narrativa curta que sabe com firmeza o que realmente quer e por essa razão busca algo que desse sentido para a vida inteira, no caso, a ilha desconhecida. A outra é o romance **Jangada de Pedra (1980)**. Nesta obra, selecionamos apenas o personagem Joaquim Sassa que assim como o personagem sem nome, busca conhecer outro desconhecido que ouviu falar por numa notícia informando apenas o nome e uma identidade do homem que se caracterizava por sentir a terra tremer sob seus pés.

Em ambas as obras, destacamos que os dois personagens prefiguram o homem na Pós-modernidade que não possui uma identidade fixa. No caso, o sujeito se modifica conforme mudanças sociais causadas pelo efeito da globalização, por se achar em harmonia com o mundo em que vive. Esses personagens não possuem antecedentes familiares como se demonstrasse o ser humano na Pós-modernidade em que os valores, os princípios religiosos não servem como fundamentos para existência humana, a emancipação do homem é vista pela incredulidade.

No primeiro capítulo destacamos que na produção literária de Saramago os personagens são levados a converter o olhar para si mesmo, ao demonstrar a despreocupação com o julgamento alheio sobre si que o homem contemporâneo demonstra com aparência do “eu”. E assim surgem identidades para ocultar a fragilidade do eu e também mostra a não integridade do sujeito. Essa preocupação com a aparência, leva o sujeito a se projetar no outro através das simulações que funcionam como proteção do “eu”.

Na segunda parte, destacamos a viagem do personagem sem nome e Joaquim Sassa. Também sobre os preparativos dos personagens, os motivos e os sucessos durante a trajetória em ambas as obras. É importante ressaltar que os obstáculos no decorrer da viagem levam os personagens a se apegarem às astúcias e agirem reflexivamente para sobressaírem ilesos dos problemas que os confrontam. Assim, podemos associar ao homem na Pós-modernidade que busca sempre condições para sobressair das situações difíceis ou até mesmo nas relações com o outro no

seu convívio social que constrói identidades para cada circunstância nas quais é interpelado. A outra questão está relacionada à viagem como uma busca de conhecimento transpondo as fronteiras e os limites. É interessante ressaltar algumas expressões nas obras de Saramago que trazem na memória o passado que significa no presente, assim como “mar” e “viagem”, “oceanos, barcos, caravelas ilhas”. Como se colocasse um passado em que os portugueses desbravavam os mares em busca de conquista, expansão comercial, consequentemente ampliação da cultura.

Nesse sentido, os personagens em suas viagens buscam o conhecimento, ao mesmo tempo em que durante o percurso percorrido, estão em constantes mudanças. O que leva o sujeito à incoerência em que o eu se constitui de diversas histórias e simulações. A volta de Joaquim Sassa para sua casa não foi possível, como se demonstrasse a impossibilidade do sujeito a se remir, a retornar, ser o mesmo “eu”. No último capítulo, estudamos sobre Saramago e a literatura contemporânea. Nessa interpretação, procuramos tratar em ambas as obras, que os personagens destacados acima, representam o homem na Pós-modernidade. Pois a literatura do autor é compreendida como contemporânea por tratar-se da existência do homem nos tempos atuais.

Capítulo 1

O HOMEM EM BUSCA DA ILHA DESCONHECIDA

No livro **O conto da ilha desconhecida** (1998), José Saramago narra a trajetória de um homem que queria um barco para ir à procura de uma ilha desconhecida. Sujeito desconhecido com objetivo oposto e aparentemente banal para todos os outros protagonistas da narrativa, com exceção da mulher da limpeza, não possuía um nome nem mesmo uma função social que servisse de uma referência, além disso, não tinha nenhum antecedente familiar, apenas o reconhecimento do personagem acontecia pela designação numeral e em gênero masculino, “um homem”. Este homem foi palácio do rei para pedir um barco, o reino tinha muitas portas, porém aquela porta era a das petições, na qual se torna um ponto de partida para prosseguimento da trajetória que, consistia em uma busca por um barco que o levaria à ilha desconhecida. Quando o homem chegou à porta das petições, ao ser indagado acerca do que desejava, ele respondeu que queria falar com o rei. Assim ele persistiu durante três dias naquele lugar à espera que o rei viesse, por curiosidade para ver a cara de alguém com tamanho atrevimento ou por se sentir incomodado com o intruso. Este que causou transtorno por se opor ao sistema burocrático o qual consistia em enviar os requerimentos por escrito e em atender uma pessoa por vez na porta das petições. Essas ações do personagem romperam com as regras tradicionais em que tudo deveria ocorrer sistematicamente de modo considerado organizado. Para que evitasse esforço e transtorno ao privilegiado, nesse caso, o rei.

Essa interpretação trata da representação do homem contemporâneo na literatura de nossa época. Tal obra de Saramago problematiza a existência humana como uma possível resposta a questão tão atual quanto antiga sobre: quem sou? Desde a Antiguidade obseda o pensamento humano, ou seja, leva o homem a se questionar. O **Conto da ilha desconhecida** apresenta diversas dúvidas, incertezas, medo típico do ser humano, entre elas estão às questões, como eu me represento ou me projeto para o outro? E como o outro me olha? Trata ainda sobre outra questão de fundamental importância que se refere ao descontentamento do homem que o leva a uma busca interminável, ao mesmo tempo se depara com um vazio. Nesse estudo também pretendemos refletir acerca do homem e as identidades.

Na primeira parte do conto, o personagem sem nome, não possui uma identidade fixa que permitisse uma identificação específica ou uma marca, apenas aparece como “um homem”. Nesse sentido, podemos associar ao homem na Pós-modernidade que não possui uma identidade coerente,

mas varia conforme o contexto social no qual ele aparece inserido, como se o homem estivesse no local de trabalho, se caracteriza como funcionário e a designação em evidência será a sua função social. Já quando ele está em outro lugar, assim a sua designação ganha outra forma no caso, um número, por isso um homem. Suas ações são desempenhadas com muitos esforços, pois desprezava as facilidades e o saber pronto, acabado, que o sistema oferecia, mas as decisões eram pautadas em uma reflexão sobre o próprio “eu”, agia como um viajante experiente que compreendia muito bem o íntimo do ser humano. Além disso, existe certa preocupação em que antecipa uma projeção em relação ao outro, ele conjectura sobre a expectativa do rei como se conhecesse bem as inquietações, o medo do mandatário, assim como no trecho abaixo em que o narrador se encarrega de observar e revelar: “Calculara ele, e acertara na previsão que o rei, mesmo que demorasse três dias haveria de sentir curioso para ver a cara de quem sem mais nem menos com notável atrevimento mandara chamar” (SARAMAGO, 1998, p.15).

Nessa perspectiva, o personagem inominado em sua busca, revela uma viagem no interior humano, ao pôr em evidência sua hipótese acerca de como o outro pensaria e o olharia através de suas atitudes e ações. Então revela a não integridade do sujeito na contemporaneidade, diante do outro, ele se projeta, cria sombras e encena histórias do eu. De tal modo é a imagem que temos do sujeito, não seria a do eu real, mas uma identidade entre tantas, que se constituiu em diferentes momentos e nos mais diversos contextos, ou seja, como o outro me vê e como eu vejo o outro, no caso, a projeção que o sujeito faz com base na informação sobre as coisas e os seres que o cercam. Nesta projeção, tanto o personagem sem nome previa a reação do rei como se conhecesse bem o medo e ansiedades que despertam curiosidades, leva o sujeito a se questionar, a pensar, a mergulhar nas dúvidas, como podemos observar quando a mulher da limpeza perguntou se abria a porta toda, ou só um bocadinho: “o rei duvidou por um instante, na verdade não gostava muito bem de expor ao ar da rua, mas depois reflexionou que parecia mal (...)” (SARAMAGO, 1998, p.11). É interessante observarmos que na narrativa, o sujeito olha para si mesmo e diante das incertezas, o humano encena história que serviria como um filtro protetor do eu através da identidade que não deixa transparecer para o outro seu medo, inquietações, angústias que o mesmo considera como um ponto frágil ou ameaça à suposta integridade do eu.

Logo, podemos destacar a posição do rei quando se deparou com o homem do barco, pois para não revelar sua curiosidade, medo diante do protesto público que poderia causar prejuízo na porta dos obséquios, ele tratou-o como um súdito, inclusive, fez as perguntas para o outro com severidade e tom arrogante. O rei perguntou o que o homem queria em seguida, porque havia se recusado em dizer logo o que desejava, seria porque pensara que o rei não tinha nada para fazer. Assim o sujeito se assegura bloqueando os perigos iminentes, visto que a sociedade na Pós-

modernidade tornou-se marcada por mudanças rápidas e constantes nas quais as coisas se tornam cada vez mais instáveis. Por causa dos efeitos da globalização, o sujeito apenas mantém uma estória ilusória sobre um eu coerente em sua imaginação, agindo como ator de sua vida que se constitui de simulações e sombras. “Algo gerador da crise da condição humana em meio ao mundo caotizado feito de sombras e simulacros a compor a distância abissal entre original e cópia” (MACHADO, 2008, p.12). Isto está posto no contexto da narrativa ao nos referirmos ao personagem rei, que ansiosamente pensa sobre como os outros julgariam-no se falasse apenas por uma fresta da porta com o súdito.

Essa preocupação do julgamento alheio sobre si que o homem contemporâneo possui, com a aparência do eu, revela a não integridade do sujeito e a incoerência das identidades. Por outro lado, a preocupação ocorre pelo fato de que o outro será sempre um desconhecido, assim como observa Antony Giddens: “O problema do outro” não é uma questão de como o indivíduo faz a transferência da certeza de sua própria experiência íntima para a outra pessoa, impossível de conhecer” (2002, p.53). Nesse caso, vemos que o homem na Pós-modernidade ao prosseguir o curso de sua vida, deixou de ser guiado por princípios estabelecidos, ao enfrentar uma diversidade de possibilidades abertas. Por isso, o sujeito sempre se polícia e muitas vezes se sente ameaçado pelo futuro, e para assegurar a si mesmo, busca estabilidade, tanto social que envolve trabalho, profissão, dinheiro, propriedade, quanto nas relações com o outro. Há sempre insegurança sobre o “eu” por se identificar com outras identidades e agir de acordo com o contexto no qual foi interpelado. É importante salientar que na produção literária de Saramago, os personagens são levados a voltar o olhar para si mesmo. Em outra obra do mesmo autor, mencionada abaixo observaremos a questão dessa preocupação com a imagem do eu, o julgamento do outro e o olhar para si mesmo.

Em **Jangada de Pedra** (1980) quando os Pirineus racharam-se, os personagens sentiram as mudanças que ocorriam em seus atos inicialmente banais, que os tornaram diferentes e caracterizados como fragmentários. Joana Carda, com a vara de negrito fez um risco no chão que nem mesmo água conseguiu apagar; Joaquim Sassa joga no mar uma pedra com uma força fora do normal; José Anaiço era seguido por um bando de aves onde ia; Pedro Orce sente a terra tremer sob seus pés. Esses personagens se encontraram depois da entrevista de Pedro Orce que sentiu a terra tremer, mas não disse nada a ninguém, pois temia ser desacreditado pelas pessoas; desde esta notícia, Joaquim Sassa ao ouvi-la, resolveu procurar Pedro Orce. Nesta busca, ele encontra todos os outros personagens e por fim Maria Guavira e o cão que se tornou guia do grupo. Destacamos desse grupo de personagens, Joaquim Sassa para discutirmos semelhanças e diferenças na busca

compreendida pelo personagem inominado do **Conto da ilha desconhecida**, especificamente sobre a questão do sujeito, imagem do eu e olhar do outro.

Nesse romance, o autor narra a história do personagem Joaquim Sassa como um homem simples que possui uma função de escriturário, era sozinho não possuía uma família, tinha uma rotina comum, semelhante a muitos para a sociedade na Pós-modernidade. Era um sujeito comum e solitário, a princípio desconhecido de si mesmo, com objetivos diferentes. É importante ressaltar que apesar desse personagem possuir um papel social, que para sociedade capitalista significaria uma identidade necessária para o reconhecimento do sujeito, o que o identificava era apenas o nome e suas ações que, a princípio eram repetitivas e seus atos aparentemente banais.

Ao lançar a pedra ao mar, Joaquim Sassa ficou surpreso com as suas forças, pois imaginava que eram poucas, de tal modo, que se via incapaz de arremessar a pedra longe, por isso ele demonstrou uma certa preocupação em relação a como o outro o julgaria. Suas ações poderiam, através de suas poucas forças, revelar a fragilidade do eu. Como nessa parte em que o narrador se incumbiu de revelar: “(...) nem havia ali testemunhas que rissem do discóbolo, ele é que estava preparado para rir-se de si mesmo, mas não veio a ser como cuidava (...)” (SARAMAGO, 1980, p.11). Compreendemos com isto que ele se desconhecia, ao mesmo tempo em que mostra como se deparasse diante de um espelho, no qual ele se olhasse e visse um outro desconhecido, após lançar a pedra ao mar. Aqui, podemos associar ao homem contemporâneo quando o sujeito oculta o que considera íntimo ao eu, ao construir uma identidade sobre si.

Nessa interpretação observamos que antes de lançar a pedra ao mar, Joaquim Sassa achava que se conhecia e que era capaz de medir as suas forças, ou seja, possuía um saber baseado no senso comum em relação a si mesmo, ao ponto de calcular a distância que ela cairia após ser arremessada. Assim como podemos observar no trecho destacado: “Joaquim Sassa atirou a pedra, contava que ela caísse distante a poucos passos, pouco mais que a seus pés, cada um de nós tem a obrigação de conhecer as próprias forças” (SARAMAGO, 1980, p.11). Nesse contexto, não foi um espelho que fez com que ele olhasse para si e enxergasse um outro diferente, mas uma pedra que à princípio parecia algo sem relevância que colocou em dúvida todas as certezas sobre o próprio eu. Tais dúvidas levaram-no a se questionar e através das indagações ele voltou o olhar para si.

Compreendida dessa maneira, a pedra tornou-se um ponto de partida para o desencadeamento dos fatos que aconteceriam na vida de Joaquim Sassa, e que conseqüentemente conduziu a outro caminho desconhecido, que seria uma viagem pelo interior humano, ao pôr em evidência as dúvidas, medos, a angústia, pois ele saiu da rotina e passou a buscar algo que desse sentido à vida inteira.

É importante salientar ainda que o personagem Joaquim Sassa mesmo com um nome e uma função, o que o caracteriza é a diferença gerada pela sua força fora descomunal. Ao contrário dos outros personagens que eram reconhecidos apenas pelas funções sociais como: veterinário, biólogo entre outras. Essas funções são representativas de um outro grupo de personagens que protagonizam a narrativa, ao mesmo tempo em que mostra uma disputa entre elas. A busca comum a todos possuía a finalidade de enaltecer o seu ego funcional, investiam de tal modo em si próprio, que a busca consistia numa disputa social e que todos almejavam uma função em evidência na mídia, preocupavam-se em aparecer. No caso, daquele personagem, podemos associar ao homem na Pós-modernidade, em que o eu tornou-se objeto de atenção, cujo saber não tem objetivo de contribuir para o bem social.

Assim como observa Gilles Lipovetsky, quanto mais se investe no Eu, mais se faz dele objeto de atenção e de interpretação, mais aumenta a incerteza e a interrogação. Então o eu se torna um espelho vazio à força de informações, uma pergunta sem resposta que não possui uma imagem fixa. (LIPOVETSKY, 2005, p.37). Deste aspecto teórico podemos destacar na interpretação da literatura portuguesa, que ambas tratam sempre do homem e suas funções. Supomos que existam dois grupos de personagens sendo, um grupo reconhecido somente pelo nome ou sem nome, no caso do personagem inominado do **Conto da ilha desconhecida**, enquanto os outros são reconhecidos pelas funções que representam um papel social. Deste modo, podemos compreender que o primeiro grupo representa uma busca pelo conhecimento de si, por outro lado, as funções representam o homem contemporâneo que vive de sombras, o papel social, em que cada vez mais se investe no eu. O destaque pós-moderno fica por conta daqueles que conseguem problematizar a própria vida. Assim adapta o eu ao mundo que o gerou. Segundo Lipovetsky (2005) o adestramento social não se efetua mais pelo constrangimento disciplinar e nem pela sublimação, mas, sim, pela sedução. O narcisismo, nova tecnologia de controle suave e autogerado, socializa dessocializando e coloca os indivíduos de acordo com um social pulverizado, glorificando o reino da expansão do Ego puro. Nesse caso, podemos associar às funções sociais percebidas em ambas as obras que visam mostrar o indivíduo ao priorizar o investimento do eu, busca enaltecer seu ego.

É notório salientarmos também que antes, Joaquim Sassa sempre olhava para o mar e observava as coisas que eram lançadas para fora das águas e as tomavam novamente para dentro delas. Depois que ele descobriu sua força descomunal, que levou a questionar-se, o personagem deixou para trás o mar e iniciou a sua viagem em terra firme em busca do outro desconhecido. Ao contrário do personagem sem nome e a mulher da limpeza, no **Conto da ilha desconhecida** que deixaram a terra firme, e foram para o mar em busca da ilha desconhecida. Porém, a semelhança entre o personagem inominado e Joaquim Sassa consiste na perspectiva que

ambos tinham. Para eles que o conhecimento era uma obsessão, ao mesmo tempo que essa busca resultava em algo que daria sentido para toda vida.

Outra questão está relacionada ao objetivo de ambos os personagens que sabiam com firmeza o que realmente queriam. Joaquim Sassa que até então desconhecia a sua capacidade e sua força, ao lançar a pedra no mar, os efeitos dessa ação proporcionam-lhe voltar o olhar para si mesmo, como se ele conhecesse apenas uma parte do eu. Nessa questão, revela que o homem na Pós-modernidade busca sempre uma razão para coisas, vale dizer, seu autoconhecimento consistia em uma explicação reflexiva sobre o ser humano em que cada um conhece suas próprias limitações. Além disso, tal atitude mostra que o eu é sempre desconhecido de si mesmo, isto é, como uma ilha desconhecida e que era preciso sair de si para ver outras ilhas, também significa sentir medo, pois quando o homem converte o olhar para si e reconhece suas limitações diante das escolhas, reconhece as questões da vida.

Assim como o personagem sem nome que para conseguir os seus objetivos sobrepõe os obstáculos, no caso, o sistema social. Quando ele não encontrou ninguém para fazer parte da tripulação, sentiu medo de desbravar o mar sozinho, conforme esta passagem, “ O homem que tinha um barco surgiu no extremo do cais. Trazia um embrulho na mão, porém vinha sozinho e cabisbaixo” (SARAMAGO, 1998, p.38). Observamos como se fosse a vida de um homem simples diante das frustrações, pois era como se uma parte do projeto tomasse rumos diferentes, também mostra o desânimo diante das irrealizações, dos fracassos. A seguir, vemos como a obra revela os sentimentos de medo, tristezas e incertezas, através do modo como o homem chegou ao extremo do cais. Esses sentimentos mencionados acima são demonstrados no conto através do exterior como o ambiente e das cores das águas. Quando a mulher da limpeza perguntou porque, se ele não tinha falado sobre a ilha desconhecida, porém disse, como ele poderia falar de uma ilha desconhecida se não a conhecia, mas que para si mesmo tinha tanta certeza que ela existia assim como o mar era tenebroso; o trecho seguinte ilustra bem: “ Neste momento, visto daqui, com aquela água cor de jades e o céu como um incêndio, de tenebroso não lhe encontro nada.” (SARAMAGO, 1998, p.40). Ao que compreendemos as cores escuras demonstravam o medo que cerca o homem diante da instabilidade das coisas e seus momentos de fraquezas. Compreendemos ainda que essa obra não problematiza um ser individual em um determinado lugar, porém demonstra o sentimento íntimo que inquieta o ser humano, como o medo diante do perigo. Defendemos que o exterior e a imensidão representam a tenebrosidade do mar, demonstra o eu individual com sentimento ao mesmo tempo que não se limita apenas a um homem ou um lugar, mas trata-se do homem em qualquer lugar. Esse exterior simboliza os conflitos íntimos do ser humano.

A outra questão está relacionada ao momento em que o homem que tinha um barco terminou o passeio pelo interior da caravela, mas resolveu devolve-la ao rei porque não havia conseguido marinheiros suficiente para ajudá-lo a guiá-la. Pois temeu lançar-se ao mar sozinho, nesse caso, se viu diante do maior obstáculo compreendido por ele mesmo ao se deparar com as suas limitações que outrora, demonstrou determinado por ser tão sábio e encorajado para enfrentar os desafios. se vê incapaz de realizar seu projeto, no entanto, o obstáculo maior não consistia em um sistema, mas o próprio eu diante das incertezas e o medo. O texto revela muito mais a viagem não termina, o conto acaba, mas a caravela, a ilha, barco continua a viagem, pois a busca do ser humano é infinita.

Capítulo 2

A VIAGEM DOS PERSONAGENS

No primeiro capítulo refletimos sobre o homem e a preocupação com o julgamento do outro, visto quando converte o olhar para si. Nessa segunda parte, discutiremos sobre a viagem do personagem sem nome e Joaquim Sassa, no romance. Também sobre os preparativos do homem do barco, os motivos e os sucessos durante o percurso de sua trajetória.

No **Conto da ilha desconhecida** (1998), o personagem anônimo foi ao palácio do rei para pedir um barco a fim de ir em busca da ilha desconhecida. Essa viagem iniciou quando saiu da porta das petições para ir à doca levando consigo um cartão de visita do rei, ordenando que entregasse um barco ao portador e que não precisava ser grande, mas que navegasse seguro. Quando o homem do barco saiu da porta das petições, as outras pessoas avançaram para chegar até lá a fim de enviarem seus pedidos, mas estava fechada, pois a mulher da limpeza que se encarregava de abri-la, havia saído pela porta das decisões para acompanhar o homem do barco.

Com isso, entendemos que o homem não buscava coisas apenas para satisfazer as suas ambições, como era de costume de outras pessoas que iam à porta das petições para pedir dinheiro, título, condecoração, pois buscavam coisas passageiras. O homem do conto priorizava em sua busca algo que fizesse sentido para toda sua vida, tanto é que ele não retornou àquele lugar das petições.

O homem do barco em sua aventura se depara com alguns obstáculos, entre eles estava o sistema social. Enquanto todos os que iam à porta das petições enviavam os requerimentos por escrito pelas competentes vias, em outras palavras, se adequavam ao sistema social, assim mantinha uma distância entre o rei e os suplicantes. Ele desprezou os trâmites oficiais e se opôs ao sistema social burocrático ao permanecer durante três dias na porta das petições à espera que o rei viesse em real pessoa. O protagonista compareceu lá pessoalmente para concretizar seu sonho, agora com a autorização do rei para ter um barco.

Quando o personagem principal chegou ao porto, foi à doca, perguntou pelo capitão, enquanto ele não vinha começou a pensar qual seria o seu barco, em meio a tantos barcos que estavam ali. Entendemos que o personagem inominado aparece como autor de sua própria história, na narrativa ele é o único que busca algo diferente e sempre reflete sobre suas ações. Ao mesmo tempo em que podemos associar ao ser humano diante das inquietações do “eu”, ao se deparar com as possibilidades da vida.

A outra questão estava relacionada à procura de marinheiros para a tripulação, nessa busca, o homem do barco não encontra ninguém disposto a aderir à mesma aventura que consistia em

desbravar os mares. Pois os outros disseram que não existia ilha desconhecida, e que, mesmo se houvesse, não iriam sair do sossego de seus lares e da boa vida de barcos de carreiras para se meterem em aventuras oceânicas, como se ainda estivessem nos tempos dos mares tenebrosos. Nesse sentido, compreendemos como uma metáfora do homem contemporâneo (com raras exceções) apenas uns buscam o conhecimento, enquanto outros agem como se tivessem medo de cruzarem as fronteiras e transporem seus limites. Conforme Sérgio Cardoso discorre: “Viajar, sabemos, não é dado a todos. Há homens acomodados, caseiros e sedentários, que parecem ignorar as divisões do espaço e poucos prezam a geografia. São quase naturalmente alheios às viagens.” (CARDOSO, 1988, p.351). Podemos relacionar tal premissa aos outros personagens do conto que são reconhecidos pelas suas funções sociais, pois em nenhum momento eles parecem refletindo em suas ações, não questionam. Compreendemos que essa busca daria sentido para a vida do homem do barco, enquanto revela uma busca por conhecimento durante sua trajetória. Ele estava disposto a aprender. Semelhante ao que vemos na passagem seguinte, quando o capitão do porto perguntou para o homem do conto se tinha carta de navegação, porém este respondeu que aprenderia no mar.

Isto nos permite relacionar a ideologia que predomina na sociedade da Pós-modernidade segundo a qual, o homem para conduzir algo deve estar apto, ou seja, deve ter um conhecimento específico para determinada coisa. Este conhecimento determina o seu papel social, se ele tivesse a carta de navegação seria um marinheiro, ainda que nunca tivesse navegado em um mar, entretanto, se possuísse aquele documento, para os órgãos responsáveis locais, ele estaria com uma situação regular para desempenhar sua função. A presente interpretação defende que a obra de Saramago leva o leitor a refletir e a questionar o que a sociedade convencionou como certo e adequado para a organização da convivência do indivíduo em um espaço social.

O sistema preza por um saber pronto, cuja informação consiste em copiar aquele saber, no caso, da carta de navegação, segundo as leis de trânsitos ele só estaria apto para navegar se tivesse a permissão, conforme o sistema exige de todos. Mas ele dispensa, dizendo que aprenderia no mar, vale frisar, o seu saber não se limitava apenas em copiar o que todos faziam. Contudo, buscava o conhecimento de si, coisa que ninguém poderia ensiná-lo, apenas as próprias experiências que o mesmo experimentaria durante sua viagem pelo interior humano. Na qual ele conheceria as limitações, provaria de suas inquietações quando estivesse diante do medo e das dúvidas.

A outro ponto a ser discutido está relacionado à procura de homens para formar a tripulação que tivesse o mesmo objetivo que o personagem anônimo, isto é, possuísse uma sede de saber inesgotável. Todavia, encontrou apenas uma mulher que passou a compartilhar da mesma aventura. A mesma que olhou para o homem desconhecido com olhar de caso, conforme Cardoso:

O olhar não descansa sobre a paisagem contínua de um espaço inteiramente articulado, mas se enreda nos interstícios de extensões descontínuas, desconcertadas pelo estranhamento. Aqui o olho defronta constantemente limites, lacunas, divisões e alteridade, conforma-se a um espaço aberto, fragmentado e lacerado. (CARDOSO, 1999, p.349).

Observamos que a mulher ao olhar, pensa e testemunha a visão como interrogação, não buscava a perfeição nem a continuidade de suas ações, que consistia em abrir a porta das petições, sempre repetir a mesma pergunta para os suplicantes. Também quando costurava os pajés ouvia os filósofos a falar sobre o ser humano, nesse sentido leva a mulher da limpeza a refletir sobre si mesma. Passou a perceber naquele espaço aberto a descontinuidade de seus atos, procurando deixar sua rotina por uma vida diferente, por mais que para as outras pessoas parecesse estranho, mas este estranhamento era cheio de significações. Vemos que ela era a única que perguntava para todos, nesse caso, em suas indagações vemos a busca por uma resposta que a levaria a sair de uma rotina e do comodismo para buscar conhecimento, assim perguntou a mesma coisa para o personagem anônimo, porém ouviu uma resposta diferente de todas até o presente momento, o objetivo e as atitudes do homem se transformaram em resposta, o que a levou a sair pela porta das decisões.

O perfil desenhado por Saramago de ambos os personagens, leva o leitor a considerar a visão ou o que o escritor enseja no comportamento humano: sair do comodismo, enfrentar o desconhecido. É importante ressaltarmos a respeito de Saramago, o fato de ter escolhido o homem que queria um barco e a mulher da limpeza para uma aventura, podemos associar à imagem da arca de Noé. Pois este personagem da Bíblia construiu para si uma arca como um lugar de refúgio, pois em breve aquele mundo seria inundado pelo dilúvio. Então para ele sair e construir, foi em busca de pessoas para entrar na arca com ele, mas foi desacreditado e taxado de louco, assim como ocorreu com o homem do barco quando saiu à procura de marinheiros. Além disso, a arca simbolizava um lugar de refúgio que se restringiu apenas à família de Noé. Enquanto a caravela representava uma casa onde a mulher da limpeza e o homem do barco se uniram para instituir uma família.

Há semelhança da imagem desses dois lugares, ao mesmo tempo em que revela a história da humanidade em épocas diferentes: compreendemos que Noé e sua família entraram na arca, vemos que a instituição família era compreendida pela sociedade na Antiguidade de fundamental importância para sociedade, assim a vida do homem se constituía em três pilares: religião, família, política. Quanto ao personagem desconhecido, o relacionamento com a mulher que abria a porta das petições ocorre por acaso, nessa coincidência ele formaram um casal. Podemos relacionar ao homem na Pós-modernidade que já não coloca o casamento como prioridade, mas o seu objetivo ocorreu à substituição dos papéis, do casamento pelo relacionamento. Na convivência não existe

mais todo o ritual que era também cultural para a união de duas pessoas com o consentimento de ambas as famílias, mas ocorre pela identificação e o rito se tornou esquecido.

No romance, **Jangada de Pedra** (1980) o autor narra a história do personagem Joaquim Sassa. Sua vida era estruturada com o trabalho em um escritório e nas suas férias tinha como *robby*, passear na praia ao entardecer. Era um sujeito comum e solitário, a princípio desconhecido de si mesmo, com objetivos diferentes daqueles encontrados no conto. Precisamos ressaltar que apesar desse personagem possuir um papel social, que para sociedade capitalista significaria uma identidade necessária para seu reconhecimento como sujeito, o que o identificava era apenas o nome e suas ações que, a princípio eram repetitivas e seus atos eram aparentemente banais. Esses atos consistiam-se em uma rotina, pois sempre passeava na praia ao entardecer e caminhava, acima da linha da maré que distinguia a areia seca da areia molhada. Apanhava uma concha, um carangueijo, fio de alga verde e sempre devolvia às águas, mas ao encontrar uma pedra que estava fora do alcance da maré, apanhou-na e era tão pesada que cansava-lhe as mãos.

Deste enredo, a distinção entre a areia seca da molhada pode representar o próprio “eu” como se estivesse dividido em partes (condições) contraditórias. Assim disponibilizadas: de uma parte almeja-se os anseios sedutores de uma aventura que desse sentido para toda sua vida, ao mesmo tempo em que desvia o eu de sua trajetória lógica. É como se afastasse o “eu” da submissão das normas convencionais em que o sujeito recusava aceitar sem questionar. A outra consiste em um “eu” coerente mas reprimido pelos valores sociais, o qual devia desempenhar seu papel social sem se opor aos padrões de vida convencional de uma determinada sociedade. Ao mesmo tempo em que revela os papéis sociais de cada um dos personagens que são reconhecidos pelas funções representadas em ambas as obras, demonstra o culto a uma auto-identidade. Essa representação é enaltecida à medida que o sujeito cultua a auto-identidade, cuja função não está estipulada conforme foi designado, mas se transforma em uma disputa em que cada um quer apenas se destacar ou ser visto e percebido pelo outro.

Assim ocorre no romance. Quando os engenheiros reuniram-se, ordenaram que uma expedição subisse ao curso do rio, descobrisse o que de fato havia acontecido, mas se caso tivessem encontrado as causas, não dissessem nada aos franceses. Vemos que a preocupação maior não estava em encontrar as causas do desaparecimento do rio e sucessivamente esclarecer algo para a população ou buscar uma solução, porém a preocupação estava na disputa de poderes e na busca de glória para si. Tomamos como base as considerações de Theodor Adorno e Max Horkheimer que revelam: “Esta ideologia torna-se a cega exaltação da vida cega, à qual se entrega à mesma prática pela qual tudo que é vivo é oprimido.” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.54). Vemos que Joaquim Sassa diante da surpresa da descoberta de si mesmo, tenta se reprimir como se

autoconservasse ocultando os seus impulsos que tornara diferente e que, até então seria uma qualidade inacreditável e fora do comum para a sociedade. Também, suas reflexões já não eram as mesmas, nem se via o mesmo. Enquanto isto em que o narrador se incumbiu de revelar, por mais que se sentisse diferente, apenas no momento que lançou a pedra ao mar desejou que alguém estivesse ali para aplaudi-lo. Depois que iniciou a busca por conhecimento durante a sua trajetória, mudou de perspectiva, pois passou a temer que as pessoas o desacreditassem ou conseqüentemente responsabilizasse pelos acontecimentos, incriminando-o pelo afastamento da península.

Portanto, podemos compreender que Joaquim Sassa, antes de lançar a pedra ao mar, mantém uma ilusão como se conhecesse e dominasse a si mesmo, é como se o “eu” fosse coerente e idêntico. Mas ao praticar aquele ato ele se desconhece diante da força fora do comum, por mais que se descobrisse nega para o outro a sua nova qualidade, guardando para si mesmo por uma questão de tempo, pois essa característica não era comum para a sociedade. Como podemos observar na passagem abaixo: “na praia a vaga já refletiu e Joaquim Sassa diz consigo mesmo, Se eu for contar chama-me de mentiroso”. (SARAMAGO, 1980, p.14). O homem diferente além de seu nome e sua função social, pelos quais era identificado, adquiriu outra identidade caracterizada pela sua força sobrenatural. Por essa razão, passou a se sentir diferente das outras pessoas do convívio social. Inclusive, ele temia revelar aos outros essa qualidade, pois achava que as pessoas não acreditariam em sua confissão. Enquanto os outros personagens estavam focados num assunto que atraía todos os olhares, ele observou o assunto que menos interessa para mídia e as outras pessoas.

Entendemos que o personagem passou a ser dominado pelo desejo de conhecer a si mesmo, as atitudes desse viajante demonstram o homem contemporâneo responsável por si mesmo e que consegue problematizar sua própria vida. A identidade do “eu” não era coerente, a princípio, Joaquim Sassa experimentou algo novo, quando lançou a pedra ao mar, adquiriu outra identidade. Pois volta o olhar para si e não se reconhece como se fosse o próprio “eu” que mudasse. Podemos relacionar isto ao homem na Pós-modernidade, que passou a ser autor de sua própria história e se modifica conforme as mudanças sociais e as circunstâncias, nas quais, ele é interpelado. O homem na contemporaneidade é compreendido de acordo com as suas atitudes e ações, assim passou a ocupar lugar condizente à reflexão, em um espaço que ele constrói histórias sobre o eu.

Acontece o oposto do conceito clássico que problematiza as questões existenciais, mostrando um indivíduo burguês, porém incapaz de construir outras histórias sobre o eu, além disso, mostrava que mesmo quando o sujeito não possui uma identidade fixa e coerente, deveria manter a aparência. Isto, por meio da negação de si mesmo, pois a cada curiosidade experimentada no decorrer de sua aventura, trazia consigo um perigo mortal. Então, a morte representava uma das mais sérias conseqüências quando o homem na Antiguidade errava. Porque poderia representar o

nascimento de outro “eu” assim causando a incoerência, diante do surgimento de novas identidades e o desconhecimento de si mesmo. Poderia significar o nascimento de um eu livre das opressões sociais, cada ser humano tem para sobreviver, desempenhar seu papel social; conforme observa Adorno e Horkheimer

As aventuras que desviam o eu de sua trajetória de sua lógica. Ele cede sempre a cada nova sedução, experimenta-a como um aprendiz incorrigível e até mesmo, às vezes, impelido por uma tola curiosidade, assim como um ator experimenta insaciavelmente os seus papéis. Mas onde há perigo cresce também o que salva (1985, p.56)

Este ponto de vista nos permite entender o homem impelido pela curiosidade e se submetendo às experiências que muitas vezes tem consequências. Nesse caso, a aventura leva-o a experimentar algo novo, acontecia como nascesse outro “eu” que, não seria mais o mesmo eu coerente, nem mesmo tão fraco, necessitado, sempre a ser auxiliado, mas aprenderia sozinho a problematizar a própria vida. Esta pressupõe uma continuação do “eu” coerente, por isso quando o sujeito se via em meio a perigos causados por suas escolhas, sempre era auxiliado por uma força maior que controlava o indivíduo para não sofrer as consequências de seus atos. Como se ele fosse incapaz de bloquear os perigos que ameaçavam sua identidade. Por outro lado, podemos ver que o herói carregava consigo o desejo de se libertar das regras, às quais era submisso.

O mundo exterior sofre as mudanças, mas ele permanece coerente em sua estória. Enquanto Joaquim Sassa sofre com as mudanças que ocorrem à sua volta, vale dizer, com a separação do Pirineus, à medida que a península se deslocava, ele também se modificava, assim adquiria identidade diferente e a cada mudança ele desconhecia o seu “eu”.

Ainda vale destacar que Joaquim Sassa deixou o assunto que chamava a atenção de todos os outros personagens reconhecidos pelos seus papéis sociais. Ele atentou para a notícia transmitida pela mídia de um homem por nome Pedro Orce, que apareceu ao ter ouvido a seguinte pergunta que “passou quase despercebido o breve comentário, de um sismólogo ortodoxo, gostaria de saber por que é que tudo passa sem que a terra trema” (SARAMAGO, 1980, p.29). Depois que Pedro Orce ouviu esse comentário, que outros acharam desinteressante, ele compareceu para dizer que certo dia ao se levantar da cadeira, sentiu a terra tremer sob seus pés. Essa questão passou incólume aos olhos de muitos, principalmente dos interesses de uma grande massa que cultuava o próprio ego, cujo objetivo estava centrado no poder e a dominação, de tal modo, que não postaram nenhuma foto do entrevistado, não mostraram uma imagem dele. Essa notícia interessou ao homem que possuía uma

força fora do comum, ao ouvir essa reportagem, ele começou a sua trajetória à procura do sismógrafo vivo.

Nessa viagem, o personagem enfrentou diversos obstáculos, entre eles estavam os conflitos íntimos que consistia no medo, as ansiedades causadas pelas indecisões diante das escolhas, das decisões que se resultaria em ações e o temor que inquietava-lhe o pensamento. Quando Joaquim Sassa saiu à procura de Pedro Orce, em um veículo o qual ele chamava de dois cavalos, levava consigo um rádio de pilhas. Observamos que durante sua trajetória, ele ouvia as notícias referentes à península sobre distância, a velocidade, que cada vez mais avançava, causando enorme mudança. Então ele se deslocava à procura de Pedro Orce como se imitasse o deslocamento do Gibraltar, pois ele não demonstrava o medo de morrer por causa do impacto da península, mas o temor de ter sido culpado dos acontecimentos pelo fato de ter lançado a pedra ao mar, possuído de uma força fora do normal.

Outra questão, enquanto todos se preocupavam em salvar a própria vida imigrando para outros países que não representava risco, Joaquim Sassa se preocupava em sua aventura à procura de um amigo. As ações e atitudes dele eram sempre opostas aos outros, assim não se importava com que as outras pessoas se preocupavam, mas com seus interesses.

Por conseguinte, podemos associar aos efeitos globais em que o ser humano sofre as mudanças como se todos os processos estivessem acelerados e que muitas pessoas não estão preparadas para o impacto, agem como loucos a ponto de perderem tudo, outros a buscarem soluções que resultariam em esforços debaldes. Semelhante à passagem em que se juntam muitos estudiosos para construir (uma cama de massa e cimento com objetivo de entupir a cratera) como solução para o problema que já era de ordem social, mas os esforços tornaram-se inúteis.

Quando Joaquim Sassa seguiu a sua trajetória, não pediu licença do trabalho, nem adquiriu um passaporte, ele não se submeteu ao sistema social. Tal comportamento, se assemelha ao homem do barco, que não possuía uma carta de navegação e justifica que aprenderia no mar, ao se opor regras sociais.

2.1 PODER E DOMINAÇÃO

Nessa parte estudaremos sobre o poder e dominação exercidos por meio da ideologia, em que muitas vezes, o homem passou a ser governado por um sistema. Assim como a literatura mostra a liberdade do “eu” que passou a ser representado pelos dois personagens: Joaquim Sassa e homem do barco que se libertaram através de uma busca e para realizarem a sua trajetória se opõem às regras sociais. Podemos refletir no texto “Ulisses ou mito e Esclarecimento”, no qual os autores revelam que o discurso homérico denuncia a ideologia e poder que governava o homem, através da submissão de Ulisses:

Na historia das classes, a hostilidade do eu ao sacrifício incluía um sacrifício do eu, porque seu preço era a negação da natureza do homem, em vista da dominação sobre a natureza extra-humana e sobre os homens. (...) Com a negação da natureza no homem, não apenas o *telos* da dominação externa da natureza, mas o *telos* da própria vida se torna confuso e opaco. (ADORNO e HORKEIMER, 1985, p.60)

Disso compreendemos que o homem diante do poder que o tornava submisso, teria que negar a sua natureza humana que conduziria aos anseios de experimentar algo novo, que transformaria o pensamento resultando em outro “eu”. Existia certo temor negando ou privando o sujeito do saber, pois o conhecimento levaria à emancipação e o fim da submissão, mostrando ao ser humano a arte de se governar e não ser governado por outros.

Enquanto no **Conto da ilha desconhecida** acontece o contrário com o homem do barco quando ele disse, “dai-me um barco que possa respeitar-me e eu respeitá-lo” (SARMAGO, 1998, p.15) nesse caso, ele seria o próprio condutor da embarcação, ou seja, conduziria a própria vida. Assim a literatura contemporânea denuncia a ideologia e o poder, por meio da liberdade do homem. Essa liberdade é vista nas ações de Joaquim Sassa e o personagem sem nome, quando ambos se opõem ao sistema e desprezam as informações que consistem em um saber pronto e acabado. Como podemos associar, quando Joaquim saiu sem pedir demissão do serviço e para cruzar as fronteiras não levou passaporte. E o homem que tinha um barco em meio ao mundo globalizado, procura os meios mais difíceis para realizar sua viagem, além disso, não possuía carta de navegação, apenas a linguagem de marinheiro. Ambos os personagens não negaram seu “eu”, mas buscaram a liberdade do eu. A negação das normas levaram-nos a conhecer o desconhecido e a provar o proibido.

Cabe-nos destacar que a obra de Saramago leva o leitor a refletir sobre o fator decorrente de uma sociedade capitalista em que o homem passou a ser dominado não por forças sobrenaturais,

como no passado que devia submissão aos deuses, mas torna-se oprimido e submisso aos sistemas sociais. A ênfase maior sobre as funções serve como meio de mostrar esse mundo capitalista e globalizado em que a sociedade tornou-se marcada pela desigualdade social.

Isso nos permite enxergar, o homem na Pós-modernidade, cada vez mais vive de sombra na qual ele mesmo se desconhece quando seus desejos não operam com autonomia. “o desejo não deve ser o pai do pensamento” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.62). Ao mesmo tempo em que revela a submissão do homem, nem sempre ele será autor de sua própria história, porém protagonista de uma narrativa. Nem sempre age movido pelo desejo de conhecer coisas novas, mas permanece acomodado como se fosse alheio às coisas difíceis, porém muitas vezes terá que encenar uma história apenas para se adequar às normas impostas pela sociedade. Vale dizer, ele não dominava a si mesmo, mas se torna dominado pelo poder que utiliza a ideologia a seu favor mediado pela linguagem. Assim relacionaremos ambas as obras destacando especificamente as funções que estão estampadas como uma elite e enquanto outros ocupavam a última camada social, com figuras distantes, quase se apagam e agem como loucas diante das crises sociais.

No **Conto da ilha desconhecida** compreendemos que o personagem percebido pelo seu papel social, no caso o rei que aparece no conto, tem uma posição mais elevada do que os demais personagens, com exceção do homem do barco. Os outros funcionários do palácio real se sujeitam a ele sem questionar, apenas obedeciam às suas ordens. Pois o rei era quem determinava tudo, concedia as petições dos suplicantes. Aos sistemas que sustentavam as normas que favorecia a majestade, podemos relacionar ao mundo globalizado em que apenas uma minoria possui um poder enquanto os demais tornam-se submissos e governados. O conto mostra ainda as funções como uma hierarquia que classificava a sociedade pelo seu papel social em que o rei ocupa o primeiro lugar, depois o primeiro secretário e segundo, já a classe intermediária refere-se ao terceiro-secretário e a mais baixa representada pela mulher da limpeza e as pessoas que iam à porta das petições. As pessoas que queriam alguma coisa iam até a porta das petições, mas elas eram vistas apenas como súditos suplicantes e intrusos. Enquanto o rei era diferente, as pessoas deviam obediência às normas por ele estabelecidas e viam como poderoso, pois tudo era decidido por ele.

Outro questionamento que a literatura mostra é a emancipação do homem por meio do conhecimento que leva o leitor a questionar aquilo que é dito como verdade, a inquirir, a duvidar. Compreendemos como se configurasse o homem em meio à globalização que a sociedade passou a ser marcada pela desigualdade social, resultante de um sistema capitalista. Em um espaço em que o “eu” é representado através de sombras e máscaras, destaca-se socialmente conforme o nível social ou seu papel social pelo qual se torna reconhecido. Paralelo ao progresso, funcionava a

governabilidade dos homens por meio dos sistemas, nos quais o indivíduo se sujeita sem questionar, vive submerso em uma rotina sistematizada que muitas vezes reprime suas vontades.

Associamos que no conto, os barcos prefiguram (ou como uma metáfora) o homem diante da globalização, quando no texto relata que nem todos os barcos nasceram para sulcar os oceanos, como se humano fosse, moldado pelas normas estabelecidas. Na narrativa, o rei controlava todas as pessoas, as regras que eram impostas favoreciam apenas a si mesmo e não ao povo. Conforme Adorno e Horkheimer “A maneira pela qual as massas se enganam acerca desse ponto, em toda democracia, é extremamente valiosa: ao apequenamento e a governabilidade dos homens são buscados como progresso” (1998, p.54). Avaliamos que o homem na pós-modernidade é moldado por normas que favorecem apenas uma elite, ou a poucos que possuem poder, no caso, a globalização e o capitalismo, que governa o homem através das ideologias. No **Conto da ilha desconhecida** o homem se opõe ao sistema social, com uma liberdade para construir sua história, ele não aparece preso, alienado e governado por alguém, mas como dono de seu saber. Mas o homem do barco quando foi à porta das petições sabia que o que queria, dar-lhe-ia sentido para toda vida. Assim, questionou o rei de igual para igual. Ele não obedece aos padrões estabelecidos pelo rei, nem se sujeita, mas se opõe questionando suas decisões. Um exemplo está neste trecho:

Vieste aqui para me pedires um barco, Sim, vim aqui para pedir-te um barco, e tu quem és, para que eu te dê, E tu quem és, para que não mo dê, sou rei desse reino, e os barcos do reino pertencem-me todos, Mais pertencerás tu a eles do que eles a ti, (...) que tu sem eles, és nada, e que eles, sem ti, poderão sempre navegar.
(SARAMAGO, 1998, p.18)

O protagonista se torna igual em termos de poder pelo fato que usa a linguagem para convencer o rei. Aqui, o conhecimento que o homem que queria um barco possuía sobre si mesmo, faz com que ele seja autor de sua história e não personagem coadjuvante de uma história escrita por outro, cuja encenação exige submissão ao poder estabelecido. Neste o sujeito não possui liberdade de fazer e expressar o que pensa, mas se vê com certa restrição em fazer conforme as normas prescrevem o que está posto pelas convenções sociais. O homem do barco não se vê preso pelas astúcias da dominação, por saber o que realmente quer para sua vida, algo que lhe daria sentido pleno. Este conhecimento possibilita usar a linguagem a seu favor, pois em seu discurso ele convenceu o rei. Adorno e Horkheimer observaram que “A palavra deve ter um poderio imediato sobre a coisa, expressão e intenção confluem. A astúcia, contudo, consiste em explorar a distinção, agarrando-se à palavra, para modificar a coisa.” (1985, p.65). Compreendemos o poder das palavras

para conseguir o que ele queria, ousando questionar as ordens do rei, dizendo quem era o rei para não dar o barco e prosseguiu dizendo que o rei pertencia aos barcos. A astúcia do viajante consistia em um discurso que convenceu, colocando em dúvida a estabilidade do “eu” ao mostrar que os anseios e as inquietações de um eu, revelaram as fraquezas do outro. Ele levou o rei a converter o olhar para si mesmo e a se deparar com o medo, suas inquietações, seu eu frágil que precisa das sombras, das simulações para se sentir protegido do julgamento alheio. Nesse quesito, percebemos o seu papel como rei, pois ele não era um rei, como se fosse permanente ou nascesse com a identidade de rei, mas possuía uma auto-identidade que representava certo poder para a sociedade. Mostra que a função de rei se ampara em uma sombra que transpõe a imagem do poder, mas no íntimo prevaleceu os temores de um homem qualquer.

No romance **Jangada de Pedra**, em especial Joaquim Sassa, assim como o homem do barco saiu em busca de conhecimento, a viagem de ambos os personagens não era limitada pelas regras sociais. Esta viagem possuía como pano de fundo, as aventuras de uma vida cheia de descoberta de algo desconhecido. Enquanto as pessoas estavam preocupadas com as decisões, que os governadores diriam sobre o deslocamento da Península e fugiam dos desastres que o impacto causaria, deixando rastros de destruição nos países que ela colidisse, as pessoas aguardam notícias para saírem de suas cidades e deixarem seus lugares apenas para salvarem a própria vida.

Entendemos que os governos e a mídia que mostravam as informações sobre os acontecimentos eram os mesmos que decidiriam o destino das pessoas. Pois em meio a todo esse alvoroço o homem que possuía uma força fora do comum, iniciou sua viagem em busca de uma pessoa, ele fez ao contrário das outras pessoas que agiam segundo o discurso midiático que era carregado de ideologia, que favorecia ao capitalismo. Neste caso, a imprensa manipula, mostrando informações que intimidavam o sujeito, não servia apenas como veículo para levar às pessoas mais distantes as informações sobre o ocorrido. Como podemos observar nesse trecho “Aqui, nas estradas do interior, o trânsito é pouco, nada que se compare com o Algarve, aquela confusão e convulsão, e em Lisboa, nas auto-estradas do sul e do norte, o aeroporto da Portela mais parece uma praça sitiada, um assalto de formigas.” (SARAMAGO, 1980, p.48). Nessa parte, encontramos pessoas descontrolada, que não pensam por si mesmas, mas agem segundo o discurso midiático, só informações; o narrador revela como se estivesse observando de longe ou por uma lente de uma câmera, as pessoas como formigas nos aeroportos, das possíveis ameaças. Vemos que o autor mostra a dominação exercida através de um discurso carregado de ideologia, ao mesmo tempo abala as certezas colocando em dúvida tudo que parecia seguro ao sujeito. Nestes termos, o indivíduo se torna dominado, pois que não pensa por si mesmo, mas espera a resposta dos outros para decidirem o que fazer, isto é, pessoas alienadas, oprimidas pelo impacto da globalização. Muitas pessoas não

estavam preparadas para sobreviver aos desafios, e buscam saídas, acontece à semelhança de que a vida fosse decida como se olhassem e julgassem através do olhar do outro.

Destacamos desta maneira o homem na pós- modernidade, que se tornou adepto das informações rápidas e age de acordo com que o outro diz. Assim como vimos no conto quando o capitão perguntou ao homem que queria um barco se ele pelo menos havia ouvido falar dessa ilha desconhecida ou se alguém tinha algum dia desembarcado nela. Ele disse que seria impossível não existir uma ilha desconhecida e se alguém tivesse dito que a conheceu não seria desconhecida.

Ressaltamos que ambas as obras de Saramago levam o leitor a refletir no conhecimento como a emancipação do homem. Assim como Joaquim Sassa, que faz ao contrário dos outros, pois ia em seu descanso pelos sombreados caminhos beirões, para uma aldeia chamada Orce, na província de Granada, onde vivia o tal homem que sentia a terra tremer. Quanto ao personagem desconhecido e a mulher da limpeza que não se preocupavam em buscarem o que era dito pelos que concebiam as informações como verdades, iam à procura do que realmente lhes interessavam. Mas o que realmente importava era o que eles viam e julgavam com seu próprio saber sobre as coisas, não andavam segundo informações, mas segundo o conhecimento, através dos experimentos reais em suas aventuras. Desse modo, eles não buscam para suas viagens a rapidez e facilidade, pois enquanto muitas pessoas iam para o aeroporto, para através do voo saíam sem dificuldade, sem ser preciso problematizar e buscar soluções, Joaquim saiu em sua viagem em um veículo antigo designado como dois cavalos e uma rádio, no caso, ele apenas ouvia e imaginava, assim enfrentava as dificuldades que traziam como um desafio, a saber, problematizar as questões da própria vida. Também como o homem do barco no **Conto da ilha desconhecida**, pois em vez de um barco de carreira como os outros marinheiros preferiram sofisticados que poupariam esforços, ele saiu em busca da ilha desconhecida, com aquele barco antigo, que navegava movido pelo vento, que impelia as velas e os mastros quando aberto.

Apontamos em nossa leitura crítica do romance **Jangada de Pedra**, uma crítica à sociedade contemporânea que a maioria busca a facilidade, preza e substitui o conhecimento pela informação. Com isso muitas vezes se torna dominada por causa da ideologia em que o sujeito não ousa questionar. Por não possuir um saber, que proporciona ao ser humano a emancipação e levando-o a questionar ao que era dito como verdade absoluta por uma sociedade dominante. Nisto, percebemos que com o homem do barco acontece o oposto, pois ele ousou a questionar as ordens do rei frontalmente. Por outro lado, o texto de Saramago revela uma camada social dominada. Que não questiona tudo aquilo que a mídia mostra e age como se não fosse capaz de refletir nos problemas da própria vida, mas vive submersa em uma rotina que se resume em trabalho e casa.

A outra hipótese está associada à viagem de ambos personagens e a cada vez que eles passam por diferentes lugares durante suas aventuras, eles se modificam de tal modo que nunca mais voltam a ser os mesmos. Na narrativa curta, quando o personagem principal retorna da busca sem êxito por marinheiros para comporem a tripulação, a identidade mudou como o narrador revela: “o homem que tinha um barco surgiu no extremo do cais”. (SARAMAGO, 1980, p.38), pois ele já não foi visto mais como “um homem”, com um sentido de qualquer um, mas de “o homem que tinha um barco”. A troca do numeral pelo artigo pode estar associada com o sistema que classifica o ser humano na pós-modernidade, em que não é mais o nome nem o sobrenome que demonstra quem ele é mas, o *status* social que leva a ser reconhecido de uma maneira diferente. Trata-se ainda do homem contemporâneo que ao mesmo tempo o narrador mostra, o que importa não é o ser, mas o ter. Assim a literatura de Saramago leva a voltar o olhar para o interior humano, aos sentimentos mais íntimos em que mostra as ansiedades, o medo, as dúvidas que revelam a fragilidade do eu.

Durante sua aventura, cria identidades diferentes sobre si mesmo. No romance, o autor problematiza a existência humana através de um cotidiano de homem simples ao pôr em evidência as perspicácias de Joaquim diante dos problemas que o leva a se questionar, a se reorganizar para enfrentar os obstáculos que poderiam levar a um resultado, ao contrário do premeditado. O sujeito cria auto-identidades para o eu não perder o foco de seu objetivo. Outro aspecto em comum em ambos os personagens é o fato deles saírem à procura de algo desconhecido. O homem que tinha um barco saiu em busca da ilha desconhecida, enquanto Joaquim Sassa saiu em busca de outro ser humano diferente e estranho. Outro ponto de reflexão está relacionado à viagem do homem do barco, pois no momento que ele voltou para o barco e entrou para conhecer como era por dentro, passou a vê-lo como uma caravela e não mais um barco. Essa mudança do barco para caravelas demonstra as transformações do próprio homem que tinha um barco e da mulher da limpeza, que passou a ser denominada, apenas de mulher. No entanto, a caravela se transforma numa casa no sentido de lugar de refúgio individual e patrimônio particular, ou seja, como se simbolizasse uma família. A seguir, o narrador brinca com o jogo das palavras ao usar os pronomes “ela e o adjetivo é bonita”, designando tanto a caravela quanto a mulher da limpeza.

Nessa outra questão, observamos que o herói contemporâneo durante sua viagem vive uma aventura e encontra uma mulher e o barco se transforma em casa. Neste contexto, compreendemos a diferença de Ulisses que possuía um reino e uma família, mas deixa-os para uma vida de aventura, e durante o percurso de sua viagem ele experimenta cada nova sedução, vista teoricamente como: “Ele sempre sede a cada nova sedução, experimenta-a como um aprendiz incorrigível e até mesmo, impelido por uma tola curiosidade (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.56)”. Essa curiosidade se

assemelha ao herói contemporâneo, encarnado em ambas as obras de Saramago, que saem em busca de saber, porém diverge quando Ulisses retorna para casa, como se o eu fosse corrigível e coerente por mais que ele tentasse desviar de seu caminho lógico, a repressão e o sacrifício transformavam-se em remissão ou reconstituição de si mesmo.

Em outro caso, o personagem desconhecido e Joaquim Sassa saíram para uma viagem e se aventuram em meio a protesto e vitórias, uma mulher para se relacionar. Cabe lembrar que neste sentido, o autor trata a convivência a dois, como parte da vida de dois indivíduos, mas sem o ritual do casamento, declara as mudanças de comportamento e da ideologia do sujeito na Pós-modernidade, em que o casamento foi substituído pelo relacionamento. O modo que o sujeito assume seus relacionamentos em ambas as obras, é diferente, pois, não existe mais aquele amor platônico ou idealizado para demonstrar os sentimentos mais íntimos do ser humano e que muitas vezes era possível através da dor. Acontecia pela não realização da consumação do amor em que ambos os pares eram impedidos por invejas, ou até mesmo por arrogância das pessoas próximas que eram consideradas más, porém geralmente com grande poder em termos de influência social, *status* que transformava em obstáculo e empecilho. Geralmente o herói era incapaz de vencer e transpor os obstáculos em que o eu era frágil, limitado e condenado a sofrer a solidão para o resto da vida, mas a libertação do sofrimento acontecia por meio da morte ou exílio. Assim como acontece em **Amor de Perdição**, (1862) visto que privados de dar continuidade a ambos os sentimentos ou até mesmo, pela injustiça, para demonstrar a fragilidade, o fracasso do eu diante das irrealizações.

No tocante ao homem que tinha um barco que se relaciona com a mulher da limpeza e o homem que possuía uma força sobrenatural a relacionar com Maria Guavira, eles se encontraram por acaso em meio a uma aventura, cujas identidades se interpelaram, isto é, ocorre por um intervalo de tempo uma identificação assim como observa: Anthony Giddens em **Modernidade e identidade**, (2002) que, à medida que os sistemas de significações e representações se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar temporariamente. O relacionamento de ambos na obra acontece pela identificação, que ocorre entre os pares, nesse caso, o eu não é impedido de experimentar a nova sedução, e continua como início de uma nova estória.

O relacionamento simboliza o começo de uma nova aventura, como no caso do homem do barco e a mulher da limpeza, essa relação foi demonstrada pela passagem do dia para noite cuja luz que prevalece é a lua que ilumina o rosto da mulher da limpeza e não o sol, mostrando a singeleza, símbolo de serenidade. Enquanto Joaquim Sassa e Maria Guavira vistos pelas campinas verdes em um lugar isolado e a casa escura, que há mudanças para o recomeço de uma estória, acontece com o amanhecer envolvido pela brisa e o abandono da casa que morou durante muitos anos com seu ex-

marido. Além disso, essas transformações são percebidas pela substituição das roupas escuras pelas vestes coloridas estendidas no varal, embaladas pelo vento. Esse sentimento é demonstrado com leveza assim como explica Ítalo Calvino “A leveza para mim está associada à precisão e a determinação e nunca ao que é vago ou aleatório (1990, p.28)”. O narrador do romance ao mostrar com precisão a imagem das roupas escuras associada ao luto ao passado contrastada às vestes coloridas demonstra algo no começo, assim como o amanhecer de um novo dia simbolizando uma nova história.

Capítulo 3

SARAMAGO E A LITERATURA CONTEMPORÂNEA

Nesse capítulo procuramos estudar sobre Saramago e a literatura contemporânea. Nessa interpretação, procuramos tratar sobre a presença do ser humano na literatura contemporânea. A produção literária de Saramago problematiza as questões sobre a existência humana na Pós-modernidade. Na literatura desse autor, vemos a questão existencial, como o homem se organiza socialmente e suas relações com o outro e consigo mesmo, também visa mostrar que o espaço social é ordenado e organizado por um sistema e a ideologia dominante. Assim também mostra os conflitos íntimos do homem colocando em evidência o eu e as identidades que servem de máscara e histórias sobre o eu. As obras de José Saramago possuem como questão fundamental a existência humana, pois em cada uma traz novas descobertas sobre o homem, sobre o mais profundo desejo, as inquietações que o afligem.

Compreendemos que durante muito tempo a existência humana ficou esquecida, não era visada como tema de grande relevância, em que o homem precisava ser compreendido de uma forma individual e universal. Então foi a partir do Modernismo em que outros pensadores como Miguel de Cervantes começaram tendo como tema primordial o ser humano individual. A obra de José Saramago problematiza-o como assunto de suma importância em que o anônimo passou a ser valorizado, revela a imagem do homem pelo interior e não pela aparência. Em cada obra, o autor apresenta novas questões sobre o ser humano, assim como o mais profundo desejo e as inquietações referentes ao homem contemporâneo. Os personagens são levados a converter o olhar para si mesmo e se depara com um vazio, com o medo. Deste modo, podemos associar ao **Conto da ilha Desconhecida**, no qual o homem e seu desejo dá prosseguimento a sua trajetória, ocorre através de um sonho. O narrador revela esse sonho como se o personagem estivesse vivendo aquela aventura. No sonho, o homem desconhecido começou a procurar uma ilha desconhecida, mas não encontrava nenhum sítio e que estavam perdidos os dois num grande barco. Nisto, demonstra como fizesse uma viagem pelo interior humano, colocando em evidência o medo e as dúvidas típicas do homem, reveladas através dos sonhos ao mesmo tempo em que revela as fantasias que o homem mantém em seus anseios mais profundos o desejo de governar e ter poder.

Ainda no sonho, o homem perguntou para os marinheiros que estavam a bordo se avistavam uma ilha desabitada, porém os marinheiros avistaram a primeira ilha povoada e decidiram desembarcar nela. Quando o personagem desconhecido que conduz a caravela se recusou a parar a embarcação, eles ameaçaram matá-lo, assim ele se viu obrigado a desviar para próximo da ilha desconhecida a deixá-los desembarcarem na ilha do mapa, sob pressão ele desviou de sua rota para

parar a embarcação. Compreendemos que o autor contrapõe o conhecido e o desconhecido, também observamos que o homem do barco quase realiza os seus desejos através de um sonho, ao mesmo tempo em que revela uma quantidade maior de pessoas que obriga o navegante a parar a embarcação. Na obra de Saramago, num contexto objetivo o que ganha destaque não é o nome, porém o anonimato e as funções. E por mais que fosse ele que conduzisse o barco, foi convencido pelo medo de morrer que todo ser humano por mais que tente fugir, se submete em algum momento da vida.

A produção literária de Saramago tem relação com a infinitude e a profundidade vista pela imagem que o mar representa. Pois quando o homem do barco estava ainda em terra firme, ele tinha apenas uma visão sobre como navegar, se naquele momento o mar fosse representado somente como uma imagem destituída da necessidade interna, seria uma viagem qualquer. Como percebemos nessa parte, “o incêndio do céu ia esmorecendo, a água arroxou-se de repente agora nem a mulher da limpeza duvidaria que o mar é mesmo tenebroso” (SARAMAGO, 1998, p.41). Então vemos que o autor demonstra uma idéia vasta, indefinida e obscura sobre os perigos que os personagens se deparariam. Enquanto revela um universo profundo, vasto e desconhecido.

Também podemos associar a Joaquim Sassa quando, durante o percurso de sua viagem à procura de Pedro, anoitece e ele interrompe a viagem. Pois ele não possuía uma imagem completa dos objetos para demonstrar essa incompletude, vemos nesse intervalo de tempo representado pelo sono, um espaço vago das coisas, uma obscuridade, um universo vazio e vasto. Assim como destaca Calvino: “As palavras longe, antigo e similar poético e agradável porque desperta idéias vastas indefinidas, a palavra noite noturno. E as descrições são muito poéticas porque a noite confunde os objetos, só permite o espírito imagem vaga, indistinta, incompleta (1990, p.74). Tal pensamento pode relacionar à distância e diferença em que ele ouvia as notícias e não assistia, pois mostra que os fatos eram recriados pelo personagem. Porque ele não via a imagem dos desastres causados pelo deslocamento da Península, tanto é que carregava um mapa e um rádio e sempre calculava a velocidade. O espaço vago, compreendido pela falta de imagem, passou a ser recriado pela criatividade do personagem. Assim, quando ele ouviu falar de Pedro Orce através das notícias, não foi mostrado nenhuma foto do tal homem, que apenas aparece um nome o que não daria para concluir nenhuma pesquisa sobre o mesmo. Visto que na contemporaneidade a maior evidência se encontra nas funções, pelas quais o homem passa a ser reconhecido.

Por outro lado, a imagem na Pós-modernidade tonou-se um meio de comunicação que revela a superficialidade da informação que se torna destituída de uma necessidade interna. Calvino discorre que a necessidade interna na imagem deveria ser caracterizada como forma e com riquezas de significados possíveis. Porém em ambas as produções literárias aqui estudadas, associamos a

imagem não apenas pela forma, mas pelos sentidos, assim como no caso, “mar”, esta palavra está carregada de significados, referindo-se ao homem como ser complexo e desconhecido dos outros e de si, à pergunta crucial, quem sou eu?

Temos os personagens em ambas às obras: Na narrativa curta o personagem não possui nome nem traços físicos que o caracterizasse, compreendemos como se Saramago em sua obra mostrasse esse homem pelo interior. Demonstra o ente ficcional fazendo uma viagem pelo interior humano ao colocar em evidência o medo, as ansiedades, as dúvidas. Quanto ao romance **Jangada de Pedra**, Joaquim Sassa quando se olha no espelho vê outro aparentemente, mais velho e desconhecido de si mesmo. A imagem do personagem não revela a forma real, chama atenção para as riquezas de significados possíveis sobre o profundo e íntimo desejo do ser humano.

Pensamos que a literatura designa saberes possíveis, assim como afirma Roland Barthes em sua obra **Aula** (1977) sobre “a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que ela sabe de alguma coisa; ou melhor: que ela sabe algo das coisas que sabe muito sobre os homens” (p.49). Disso, podemos afirmar, a produção literária de Saramago expõe o saber que se transforma em obsessão dos personagens. Quando os seres fictícios que destacamos ao longo dessa interpretação saíram em busca de conhecimento, eles nunca foram diretamente ao alvo que tanto almejavam. Eles achavam que estavam próximos da realização de seus objetivos, se deparavam com algo inesperado, estranho e novo, mas que sempre estabelecia uma ligação com algo que eles buscavam. Os saberes não terminam com a finalização e concretização, mas ocorre como se engrenasse uma reflexividade infinita, não fixa um saber.

3.1 A LINGUAGEM E A ESCRITA DE SARAMAGO

Discutiremos neste momento sobre a linguagem e o estilo de escrita de Saramago. Destacamos que nas produções literárias de Saramago, a linguagem e a língua fogem completamente das normas tradicionais, que exigem a adequação de quem escreve algo, pois segundo as convenções, o sujeito deve se submeter à norma culta ao redigir e produzir um texto. Então, ocorre ao contrário no estilo de escrita desse autor, o mesmo rompe com essas regras no sentido de mostrar que a língua torna-se limitada para demonstrar os fatos sobre a existência humana com tanta precisão. No conto, o personagem principal não possui um nome que o especificasse, aparece designado apenas por um numeral. Além disso, na narrativa curta vemos que a escrita não possui toda a pontuação como a gramática prescreve, usa constantemente a vírgula para indicar o final de um termo, raramente o ponto.

Assim compreendemos que o estilo de escrita desse autor não se sujeita às normas, e nem por isto se torna incompreensível. Desse modo, Calvino afirma que “a literatura é aquela que responde a essa exigências é a terra prometida em que a linguagem se torna aquilo que na verdade deveria ser.” (CALVINO, 1990, p.72). Isto nos permite ver a literatura contrariar as regras, mas não a interpretação que o leitor faz das obras. O pronome mais frequente são o “eu” e “tu”, usados nos diálogos, na narrativa curta o pronome não representa um nome dito anteriormente, até porque os personagens não têm um nome, não funcionam como substituto dos nomes. Nesse sentido, a literatura de Saramago aparece como uma diferença por se opor ao sistema lingüístico que nivela a expressão.

Segundo Roland Barthes discorre acerca da língua, como desempenho de toda linguagem não é reacionária e nem progressista; ela é fascista, pois o fascismo obriga dizer, ou seja, a língua entra a serviço do poder. Assim compreendemos que o homem não é livre para expressar-se segundo o que ele pensa sem obedecer a uma ordem linguística, a língua possui um poder de alienar todos os falantes. Ao contrário da literatura, não só utiliza os recursos, mas encena uma linguagem.

Em **Jangada de Pedra**, quando Joaquim saiu em sua aventura, ele cruzava as fronteiras e interage com as outras pessoas, como se não existisse diferença nem limite para que impedisse de se comunicar. Por mais que os idiomas fossem distintos. A outra questão estava associada a intenções não ditas, mas percebidas através da fala do sujeito. Como na parte em que o homem que possuía uma força sobrenatural durante a sua viagem, se hospedou em um hotel e soube notícias de outro homem por nome de José Anaíço que era acompanhado por um bando de estorninhos. Mas quem disse essa notícia foi uma criada que pronuncia o endereço de tal modo sobre o professor que, sem perceber demonstra um tom melancólico ao dizer “à noite tem luzes na janela até muito tarde”. Ao

encontrar com um moço, perguntou sobre o professor. Ele disse que era fácil encontrar e que à noite a janela tinha luz. Nesses dois discursos pronunciados por pessoas diferentes, compreendemos intenções distintas que revelam sentimentos divergentes sobre o mesmo indivíduo. Na primeira frase, que é a mulher quem fala sobre a janela iluminada, percebemos certa afeição pelo homem, ou seja, revela os sentimentos íntimos. Por outro lado, o menino demonstra pouca proximidade ou nenhum sentimento atrativo.

Podemos destacar que os sentidos se revelam através do não dito. Pois a palavra por meio da linguagem, torna-se incapaz de demonstrar precisamente sentido e o significado das coisas. Para Calvino que discorre sobre a linguagem como o nivelamento das expressões, temos:

Às vezes me parece que uma epidemia pestilenta tenha atingido a humanidade inteira em sua faculdade mais característica, ou seja, no uso da palavra; consistindo essa peste da linguagem numa perda de força cognoscitiva e de imediatez, como um automatismo que tendesse a nivelar a expressão em fórmula mais genéricas, anônimas, abstratas, a diluir os significados, a embotar os pontos expressivos, a extinguir toda centelha que crepita no encontro das palavras com novas circunstâncias. (CALVINO, 1990, p.72).

Isto nos possibilita visualizar que a linguagem nivelar as expressões, que todos devem se submeter ao seu poder. Entretanto, a literatura ofusca esse sentido, conforme Barthes ela encena a linguagem, em vez de simplesmente utilizá-la, a literatura engrena o saber no rolamento da refletividade. Podemos ressaltar, a literatura busca encenar uma linguagem para demonstrar com profundidade as coisas, por visar uma busca por saber. Por essa razão, a linguagem literária não visa à objetividade, ou só um saber, mas saberes. Assim, as palavras não passam a ser concebidas ilusoriamente, mas “É esse gosto das palavras que se faz o saber profundo e fecundo” (BARTHES, 1977, p.21). Com isso, podemos associar ao estilo literário de Saramago, suas obras possuem uma escrita diferenciada, pois descartam as regras gerais de pontuação, substituídos por vírgulas e raramente se vê o ponto.

Ainda podemos apontar à linguagem e imagem, pois na Pós-modernidade acontece um grande aumento de imagem visual, ou seja, não verbal representada por que grande parte destituída de significados, além disso, não possui uma necessidade interna. Logo, compreendemos que ambas as obras apresentam certa estranheza ao problematizar esse ponto. No romance, revela esse contraste referente à imagem como forma e significado ao mostrar através da mídia, as notícias sobre a península e várias fotos. Por outro lado, o intimato de Joaquim Sassa não mostra a sua imagem, apenas o nome, e até mesmo quando ele se olha no espelho não se reconhece, por não ter de si mesmo uma imagem precisa ou não visava mostrar apenas a forma, porém o outro

desconhecido de si. Também a forma que ele se imagina e começa descrever suas características físicas, mas a descrição que Joaquim Sassa faz dele quando pensa, não aparece completa, descreve apenas parte de sua face. O que leva o leitor reconstruir uma imagem desse homem através da imaginação, inserido o significado em cada lacuna da figura, assim não tem uma imagem completa, mas desfigurada, ou pelos traços que são pontuados na obra sobre Joaquim Sassa consegue apenas assimilar traços e não a imagem completa. O que nos leva a entender que a preocupação não está na forma da imagem, mas nos significados internos, em que ao mesmo tempo mostra o homem diante de sua complexidade ao revelar as dúvidas, as inquietações de Joaquim Sassa e o medo. Por outro lado, mostra esse ser desconhecido de si e dos outros. Cujas complexidade humana não está no exterior, ou seja, na aparência, mas no interior em que a imagem de eu aparece deformada, sem uma característica definida.

A produção literária de Saramago é compreendida como Pós-moderna, pois trata-se da ficcionalização da existência humana ao problematizar as questões humanas através de elementos aparentemente banais que se tornam de grande relevância em ambas obras. Entendemos como o autor revela através de sua escrita ficcional, o homem na contemporaneidade em que as identidades são múltiplas, ao mesmo tempo o sujeito se torna desconhecido de si mesmo. Portanto, ambas as obras de Saramago apresentam como questão, uma possível resposta acerca da pergunta: Quem sou? Assim, traz uma possível resposta colocando em evidência os elementos: o homem em sua complexidade, na qual, os personagens sem nome e Joaquim Sassa prefiguram o homem na Pós-modernidade que não possui uma identidade coerente, com aumento dos sistemas de significações e representações culturais, passou a ser interpelado por múltiplas identidades, pelas quais se identificam temporariamente. Logo podemos associar ao conto quando o homem do barco se identifica com o oposto, ou seja, a mulher da limpeza que passou a compartilhar do mesmo objetivo que ele. Enquanto no romance Joaquim Sassa ao sair à procura de Pedro Orce se identificava com indivíduos que possuíam uma característica anormal, para aquela sociedade, que se identificava com outro pela sua estranheza social. Ele buscava uma autenticidade de sua identidade, mas durante o percurso do personagem a relação com outro mundo diferente, e para manter-se nesse universo por um instante ele passa por constantes mudanças o que leva a simular desse modo modificava a sua identidade que ela já não supõe uma continuidade, porém o sujeito cria uma auto-identidade.

Podemos perceber esse ponto quando o homem de uma força sobrenatural e José Anaiço depararam com os policiais em uma região de fronteira. Eles trocaram de identidade trapaceando seus bilhetes pelos dos seguranças. A cada experiência eles se transformam, apenas mantém uma ilusão de uma identidade fixa, como podemos ver que Joaquim leva consigo o segredo que possuía uma forma sobrenatural, o que o tornava diferente da sociedade. A literatura demonstra através da

ficção, o homem diante das inquietações que o leva a questionar a si mesmo. Sem delimitar um local, representa o ser humano em qualquer lugar do mundo. Conforme Schollhammer:

A literatura contemporânea não será necessariamente aquela que representa a atualidade, a não ser por uma inadequação, uma estranheza histórica que a faz perceber as zonas marginais e obscuras do presente que se afasta da lógica. (...) é ser capaz de se orientar no escuro e, a partir daí, ter coragem de reconhecer e de se comprometer com um presente com o qual não é possível coincidir (GIORGIO, 2008, apud SCHOLLHAMMER, 2009, p.10).

Nesse sentido, compreendemos que a obra literária de Saramago não visa o real em relação um momento social e histórico, não trata de uma lógica. Surge pela estranheza e a descontinuidade ao se estabelecer num sentido contraditório das tendências afirmativas.

Todavia procuramos entender o homem na pós-modernidade situado nos tempos atuais. A literatura de Saramago trata do homem na atualidade ao revelar o ser humano que não se baseia em suas raízes para construir e reconstituir-se enquanto homem que é capaz de criar sua própria história, sem ser governado por Deus, ainda deixou de ser ligado às tradições, aos costumes que de certa forma exigia submissão. Como em ambas as obras de Saramago, tanto o homem do barco como Joaquim Sassa, não possuíam um antecedente familiar, o que revela esse rompimento com o passado e que esse homem vai se reconstituir no seu tempo. Também compreendemos que a mulher da limpeza e Joaquim Sassa antes de saírem em busca do desconhecido, possuíam um ofício que os submetiam. Demonstra ainda mais o homem na Pós-modernidade cujo poder ocupa o centro onde existe o que lidera e o liderado, ou o que governa e o governado. Nesse caso, o empregador e empregado.

O que nos chama atenção são os preparativos para a viagem de ambos os personagens que estão em contraste com o antigo e atual ao mesmo tempo em que esses fatos se revelam pela estranheza, pois tanto o homem do barco que possui uma caravela movida ao pelas forças do vento que exigiria varias pessoas para governá-la e muito esforço e Joaquim Sassa iniciou sua trajetória com um automóvel antigo chamado Dois cavalos e carregava consigo uma rádio. Por outro lado vemos que ambos os personagens para realizar seus objetivos escolheram os meios que exige mais esforços e usados no passado, enquanto as funções são percebidas em relação ao presente, pois, os noticiários sobre os acontecimentos eram exibidos na televisão e os personagens percebidos apenas pelo seu papel social usam os aviões como para fugir da suposta tragédia ou a televisão para

observar de longe os acontecimento e tempo real. Enquanto ambos os personagens em sua viagem fogem das informações visuais e as facilidades. A outra questão é que os personagens em **Jangada de Pedra** se identificam pela diferença que cada um possuía. As marcas do Grupo de Joaquim Sassa são fantásticas, porque cada integrante possuía uma identidade especial e em comum. Mas mesmo assim, ficam apenas como estória que passou demonstrando a não coerência do sujeito. Conforme Gianni Vattimo em sua obra **O fim da modernidade** (1996) mostra que “o sujeito só afirma sua centralidade na historia do pensamento mascarando-se nos semblantes imaginários” (VATTIMO, 1996, p.19) o sujeito mantém uma ilusão de coerência. Depois que o homem de uma força sobrenatural parte em sua trajetória, ele se modifica, forja novas identidades, para encontrar e saber notícia do lugar que Pedro Orce morava. Para isso, Joaquim Sassa e José Anaiço disfarçam-se de jornalistas, depois que encontraram Joana Carda com sua vara de negrito, em seguida Maria Gauivara a qual Joaquim Sassa a teve como convivente durante sua viagem eles começaram a roubar cavalos para prosseguir sua viagem e depois a furtar roupas para se vestirem. Ele sofre mudanças de acordo com as circunstâncias nas quais ele passou a ser interpelado.

Por outro lado, o homem do barco em seu sonho, desviou de sua trajetória lógica para ir em busca da ilha desconhecida, por causa que outros obrigaram-no a parar nas ilhas conhecidas. De acordo com esse raciocínio na Pós-modernidade as mudanças são constante e rápida onde o homem se modifica de acordo com a atualidade, outros fatores estão ligados aos efeitos da globalização.

4. CONCLUSÃO

Nesse estudo pudemos observar a relação das produções literárias de Saramago com o homem na Pós-modernidade. Ambas as obras tematizam a existência humana visando mostrar o homem na sua individualidade, despossuído de uma identidade fixa e coerente ao “eu”. José Saramago no **Conto da ilha desconhecida** valoriza o anonimato visto pelo personagem protagonista que é apenas designado como “um homem” em contraste com as funções em evidência. O seu nome não aparece em evidência, não possui uma função de relevância social. Depois que ele conseguiu o barco passou ser visto como “o homem que tinha um barco” acontece uma mudança do numeral “um” para o artigo “O”. Essa troca mostra o homem na Pós-modernidade que valoriza o ter e não o ser. Ao falar a respeito do romance **Jangada de Pedra** especificamente o personagem Joaquim Sassa em que saiu de sua rotina para se lançar em busca pelo desconhecido, ao mesmo tempo em que revela uma viagem pelo interior humano ao se deparar com as suas limitações, inquietações, a dúvida e o medo típico do ser humano na Pós-modernidade. Assim em ambas as obras viagem que consiste na procura pelo desconhecido e ganha relevância ao mostrar a relação dos personagens Joaquim Sassa e o homem do barco com o ser humano na Pós-modernidade na busca pelo autoconhecimento de si.

Neste estudo, compreendemos que em ambas as obras de Saramago o “herói” busca conhecer a si mesmo, pois é autor de sua própria história e não possui um caráter ou uma referência permanente que o caracterizasse. Por isso se associa ao homem contemporâneo não tem apenas uma identidade, mas se constitui de pluralidade e transformavam-se conforme o contexto que era interpelado. Nesse caso, diverge dos heróis tradicionais que se pautava em modelo que defendia a pátria, a família e a religião cujo caráter do homem devia ser coerente ao eu.

Na literatura desse autor vemos as questões humanas, compreendidas como o homem se organiza socialmente e suas relações com o outro e consigo mesmo, também visa mostrar este social ordenado e organizado por um sistema, a ideologia dominante. Compreendemos nas produções literárias a questão da valorização do anônimo ao ficcionalizar o cotidiano de um homem comum, sem um papel social em evidência na sociedade. Trata-se ainda, do homem contemporâneo na sua individualidade e incredulidade. Entendemos que a literatura contemporânea não é necessariamente aquela que representa a atualidade em termos factuais, mas que representa o homem sem delimitar um local, apenas pela descontinuidade e estranheza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIM, Amle Albernaz de. Sobre o homem duplicado. In: **O tempo condicional em Saramago**. Rio de Janeiro, 2005. 124 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa) – Curso de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005
- ANATOL, Rosenfeld. **Texto/ contexto I**. São Paulo; Campinas: ed. da Universidade Estadual de Campinas, 1993
- CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**: Lições americanas/ Tradução Ivo Barroco. São Paulo: Companhia das letras, 1990
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed, 2002
- LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Tradução de Therezinha Monteiro Deutsch. Barueri, São Paulo: Manole, 2005
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. tradução Tomaz Tadeu da Silva Guaracira Lopes Louro – 10. ed - Rio de Janeiro: DP&A, 2005
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história teoria, ficção**. Tradução Ricardo Cruz Rio de Janeiro: Imago ed, 1991
- HORKHEIMER, Max. e Theodor W. Adorno “Ulisses ou Mito do Esclarecimento” in: **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos/ tradução: Guido Antonio de Almeida. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. 1985
- NOVAIS, Adauto. **O olhar**. In: Sérgio Cardoso “O olhar do viajante”– São Paulo: Companhia das Letras, 1999
- MACHADO, Madalena Aparecida. **O Homem da Pós-modernidade**: A literatura em reunião/Tese de Doutorado- Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.
- KUNDERA, Milan. **A arte do romance** / tradução Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. — São Paulo: Companhia das Letras, 2009
- BARTHES, Roland. **Aula**. ; tradução Leyla Perrone- Moisés. Cultrix São Paulo, 1977
- SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009
- SARAMAGO, Jose. **O Conto da ilha desconhecida**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998
- _____. **A Jangada de Pedra**. Rio de Janeiro: ed. Record, 1980
- VATTIMO, Gianni. **O fim da modernidade; niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna**/ Gianni Vattimo; tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1996

